

**CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA**  
**A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: GAY GIRLS RIDING CLUB**  
**17 de setembro de 2022**

**ALL ABOUT ALICE / 1972**

*Um filme de Ray Harrison*

*Realização, Produção e Argumento: Ray Harrison / Montagem: Ron Sexton, Terry Hodel / Música: Michael Lindon, música e voz de Alan Lawrence (música *All About Alice*) / Direção de Fotografia: J. G. Randall / Direção Artística: Leroy Costello / Guarda-roupa: Jean Blanchette / Interpretações: Warren Fremming (Mona Manning), Jarman Christopher (Alice Barrington), Dakota (Mike Cassidy), Lea Marmer (Cora), Tom Whitman (Madison Devine), Wallace Fredericks (Peter Miller), Chuck Bratton (Shirley Miller), Erik Seaborg (Marilyn), Mickey Diamond (Sam Katz) / Cópia: DCP, a cores, falado em inglês e com legendas eletrônicas em português / Duração: 68 minutos / Estreia Mundial: Abril de 1972, Los Angeles, Califórnia / Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*

É interessante notar como filmes saudavelmente paródicos e orgulhosamente *camp* como este transformam o que é *queer* numa forma de ação ou, para usar terminologia situacionista, numa *démarche* crítica de desvio ou *détournement*. O viés, digamos assim, foi realizado pelo industrioso homem da televisão Ray Harrison e foi produzido pelo Gay Girls Riding Club (G.G.R.C.), clube secreto de homossexuais financeiramente abonados, localizado em Los Angeles, que organizava eventos sociais e projeções de filmes. Ora, o *détournement* acontece não sobre um filme encontrado, mas sobre o processo de reimaginação e recriação de um clássico de Hollywood: o incontornável melodrama sobre os bastidores do *showbiz* **All About Eve** (1950), obra centrado na vida secreta dos atores que contou com um elenco feminino cheio de *star power* e *glamour*.

Opondo-se, no filme de Joseph L. Mankiewicz, estavam Anne Baxter e Bette Davies, ao passo que, no filme de Harrison, temos Warren Fremming e Jarman Christopher. Porventura pelos nomes fica clara ao leitor a transformação operada quanto ao género dos protagonistas, mas também é verdade que tanto Warren como Jarman não deixam de interpretar mulheres, revirando assim, de maneira provocadora, quase terrorista, o “texto” clássico de origem. Harrison reencena o título de Mankiewicz, parábola sobre a vontade de poder e de ribalta, olhar clínico sobre o cínico mundo do teatro (e do cinema, pois claro), vindo a conferir-lhe uma carga carnavalesca e erótica que nunca faz as personagens desaparecerem por completo na imitação bufa.

É preciso referir que os filmes de Harrison são contemporâneos das extravagâncias escatológicas de John Waters, um dos realizadores do cinema americano que mais souberam amar os seus atores e personagens, mesmo que o caminho desse amor fosse, de facto, estranho ou *queer*, na acepção mais literal do termo. Continuando a ser algo literal, diria que se ser *gay* é ser-se “alegre” e ser *queer* é ser-se “estranho”, o que acontece em **All About Alice**, o filme mais dispendioso – o único a cores e com som

sincronizado – dos sete produzidos pelo G.G.R.C. e o único a ter distribuição comercial, resulta de um *feliz estranhamento* do clássico de origem, sem nunca descer ao nível da vandalização grosseira ou pueril – diria até que é das mais bonitas cartas de amor dirigidas a esse muito amado título. Ao mesmo tempo, a diversão é palpável, nomeadamente quando o ator que “canaliza” Bette Davis, Warren Fremming, acentua os tiques da atriz, através da forma de falar e sobretudo de gesticular, libertando ainda uns quantos “fucks” (“Fuck the reviews”, grita a dado ponto) absolutamente proibitivos dentro do léxico hollywoodesco dos *forties* e *fifties*, ou quando Harrison muda o género (ou “devolve” o género masculino?) ao ator que interpreta a Anne Baxter ou a Eve deste filme, Jarman Christopher.

Talvez o momento de suprema *queerness* seja mesmo esse em que Jarman é duplicado no espaço da ação, sendo posto em diálogo sob a forma feminina e masculina, diluindo-se qualquer distinção simples entre quem é o quê, enfim, entre quem é da ordem do masculino e quem é da ordem do feminino. É impossível não ver aqui um engenhoso – além de divertido, como é, aliás, toda esta “actualização *queer*” de um clássico intemporal – *gimmick* de libertação sexual e identitária. Uma parábola sobre o cinismo no *showbiz* é redimida num filme erótico, com nudez explícita, gestos excessivos, corpos grotescos e parcós meios de produção (mas o filme transpira de orgulho relativamente a essa precariedade, digamos assim), transformando-se numa obra sobre a absoluta desterritorialização sexual ou afirmativa concretização de um exercício de fluidez identitária. Feios ou belos, baixos ou altos, gordos ou magros, mulheres, homens, *drags* ou *trans*, Eve ou Alice ou *in-between*, todos andam atrás do mesmo: fama e fortuna. Já o G.G.R.C. parecia estar muito contente com a sua condição *underground*.

Luís Mendonça